

Os desafios sociais das mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande.

*Los desafíos sociales de las mujeres negras emprendedoras en la ciudad
de Rio Grande.*

Simone Silva Porto Machado¹

Kettle Duarte Paes²

Resumo

Os estudos sobre gênero/mulheres estão ganhando força nas áreas das ciências sociais e aplicadas nos últimos anos. Partindo de um contexto histórico, podemos observar que as mulheres lutaram ativamente por respeito e por seus direitos. (DAVIS, 2016). Entretanto, quando se trata de discutir especificamente sobre as mulheres negras vê-se, que ainda são poucos estudos na área de administração. Diante disso, há que se sublinhar que a luta das mulheres por igualdade de direitos com os homens ficou conhecido como feminismo. Esse movimento em seus primórdios não englobavam as mulheres negras que viram seus interesses serem levados em consideração somente quando o movimento negro ganhou proeminência em meados do século XX. (PINTO, 2010). Uma outra pauta de luta das mulheres diz respeito a maior participação e mais direitos no mercado de trabalho, onde as mulheres buscam, entre outras coisas, equiparar seus salários aos dos homens. Em sua luta pela sobrevivência e em tempos de crise financeira e política como o Brasil vive atualmente o empreendedorismo pode ser uma saída para o sustento de muitas famílias. Nesse contexto, pretende-se com essa pesquisa analisar as dificuldades econômicas e sociais enfrentadas pela mulher negra empreendedora na cidade de Rio Grande, a partir da categoria da interseccionalidade. A pesquisa visa contribuir para a compreensão dos desafios enfrentados pela mulher negra na economia de Rio Grande, bem como busca dar visibilidade a essa parcela da população historicamente excluída das políticas públicas.

Palavras-Chave: Empreendedorismo, Feminismo negro, Interseccionalidade, Mulheres negras.

Resumen

Los estudios sobre género / mujeres están ganando fuerza en las áreas de las ciencias sociales y aplicadas en los últimos años. A partir de un contexto histórico, podemos observar que las mujeres lucharon activamente por respeto y por sus derechos. (DAVIS, 2016). Sin embargo, cuando se trata de discutir específicamente sobre las mujeres negras se ve, que todavía son pocos estudios en el área de administración. Ante ello, hay que subrayar que la lucha de las mujeres por igualdad de derechos con los hombres se ha conocido como feminismo. Este movimiento en sus primordios no englobaba a las mujeres negras que vieron sus intereses ser tenidos en cuenta solamente cuando el movimiento negro ganó prominencia a mediados del siglo XX. (PINTO, 2010). Otra pauta de lucha de las mujeres se refiere a la mayor participación y más derechos en el mercado de trabajo, donde las mujeres buscan, entre otras cosas, equiparar sus salarios a los de los hombres. En su lucha por la supervivencia y en tiempos de crisis financiera y política como Brasil vive actualmente el emprendimiento puede ser una salida para el sustento de muchas familias. En ese contexto, se pretende con esa investigación analizar las dificultades económicas y sociales enfrentadas por la mujer negra emprendedora en la ciudad de Rio Grande, a partir de la categoría de la interseccionalidad. La investigación pretende contribuir a la comprensión de los

¹ Graduanda do curso de Administração da Universidade Federal de Rio Grande. simoneh_1993@hotmail.com

² Professora Dra. no curso de Administração da Universidade Federal de Rio Grande. kettlep@yahoo.com.br

desafíos enfrentados por la mujer negra en la economía de Rio Grande, así como busca dar visibilidad a esa parte de la población históricamente excluida de las políticas públicas.

Palabras clave: Emprendedor, feminismo negro, Interseccionalidad, Mujeres negras.

1. Introdução

As mulheres há tempos lutam para conquistar seus espaços em lugares que antes eram exclusivamente ocupados por homens. As reivindicações das mulheres por igualdades de direitos têm como um importante marco a luta pelo sufrágio universal, ou seja, a luta pelo direito de votar e poder escolher seus representantes. (PINTO, 2010). Diante disso, há que se sublinhar que a luta das mulheres por igualdade de direitos com os homens ficou conhecida como feminismo. Esse movimento em seus primórdios não englobavam as mulheres negras que viram seus interesses serem levados em consideração somente quando o movimento negro ganhou proeminência em meados do século XX. (DOMINGUES, 2007).

De acordo com Davis (2016), as mulheres negras, por não serem absorvidas pelo mercado de trabalho necessitavam buscar formas alternativas de subsistência oferecendo serviços de lavagem de roupas, de vendas de alimentos, de cabelereiras, de costureiras, etc. Essa condição de exclusão dos postos formais de trabalho pressionaram as mulheres negras a empreenderem pequenos negócios para o sustento da família. Isso porque, conforme a autora, historicamente muitas famílias negras são sustentadas por mulheres já que era muito comum o abandono da família pelo cônjuge.

A mulher negra, de acordo com a literatura especializada, abarca em si mesma, várias formas de identidades de minorias sociais por meio da denominada interseccionalidade. Esse conceito fica evidente ao pensarmos que a mulher negra carrega consigo outras categorias como gênero, raça e classe, (CARDOSO, 2012).

Desse modo, em virtude da dificuldade de inserção no mercado de trabalho, coube a mulher negra inventar formas alternativas de trabalho para o sustento da família, fato que levou essas mulheres a empreenderem, muitas vezes, pequenos negócios informais. De acordo, com Drucker e Oliveira (2008, P. 4): “a informalidade é sinônimo de flexibilidade e precarização do trabalho” e essa informalidade do trabalho é consequência das mudanças relacionadas ao meio econômico e político da sociedade brasileira. Quando esses trabalhadores ingressam no mercado informal se adaptam aos princípios distintos do mercado de trabalho formal, “que obriga os sujeitos a aceitarem tal condição como a mais plausível de ser vivida em um contexto de desemprego e precarização do trabalho” (DRUCKER; OLIVEIRA, 2008 p.10).

Assim, tendo em vista esse contexto, essa pesquisa como objetivo geral, a intenção de analisar os desafios econômicos e sociais das mulheres negras empreendedoras na cidade de Rio Grande, a partir da categoria da interseccionalidade.

Para dar conta desse objetivo de pesquisa, detalhamos os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer quem são as mulheres negras empreendedoras;
- Identificar os desafios econômicos e sociais que elas enfrentam ao empreenderem seus negócios;
- Analisar, a partir da interseccionalidade s desafios os desafios por elas enfrentados.

É importante salientar que este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, um TCC (trabalho de conclusão de curso), do curso de Administração da Universidade Federal do Rio Grande e está em andamento. O tema empreendedorismo entre mulheres negras é relevante pois pretende contribuir com a construção de conhecimento sobre a questão de gênero e raça

nos estudos de administração já que as organizações são *locus* de poder onde as relações de gênero se estabelecem e reproduzem as hierarquias sociais.

Nesse sentido, essa pesquisa visa dar visibilidade para essa parcela da população brasileira que fica invisibilizadas diante dos discursos dominantes sobre gênero, raça e classe. Outro fator de importância dessa pesquisa diz respeito a buscar compreender como os marcadores sociais (interseccionalidade) atravessam as vidas das mulheres negras em situação de trabalho informal e como elas enfrentam os desafios econômicos e sociais desses dispositivos de exclusão. Problematizar essas questões se faz urgente como forma de contribuir para a construção de conhecimento sobre esse tema a fim de subsidiar a construção de políticas públicas que de fato auxiliem as mulheres negras em situação de trabalho precário.

2. Referencial teórico

2.1. Feminismo e Interseccionalidade.

Com o passar do tempo, a palavra gênero passou a incluir significados ligados às lutas feministas por igualdades de direitos entre os sexos. Em sua aplicação atual o termo parece ter surgido inicialmente nos EUA em decorrência das lutas feministas pelo sufrágio universal e pela igualdade de gênero (SCOTT, 1995, p.72).

Crenshaw (2002, p. 177) salienta que a interseccionalidade: “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.”.

Assim, um aspecto importante da abordagem interseccional reside na crítica ao ocultamento dos aspectos raciais da discriminação de gênero e dos aspectos de gênero da discriminação racial, fato que denota a manipulação das categorias gênero/mulheres e raça/negros de forma mutuamente excludente. Ademais, a leitura interseccional revela que as mulheres brancas e os homens negros são tomados, respectivamente, como parâmetro central no que diz respeito a discriminação de gênero e a discriminação racial, o que dificulta a visualização dos fatores de exclusão que afetam sujeitos situados na intersecção, como é o caso das mulheres negras (COSTA, 2013).

Na visão de Crenshaw (2002) várias formas de subordinação operadas pelo sexismo, racismo e patriarcalismo deveriam ser compreendidas enquanto uma interação e não a partir de uma superposição de opressões. Para exemplificar sua teoria, a autora utiliza a metáfora de um cruzamento.

Assim, segundo a visão de Crenshaw (2002) as mulheres nem sempre vivenciam o sexismo da mesma forma, assim como homens e mulheres também não vivenciam o racismo da mesma forma. Em função disso, torna-se importante compreender como os eixos de subordinação se articulam e produzem circunstâncias singulares de desempoderamento. Nesse sentido, as violências, segundo a autora, devem ser compreendidas e enfrentadas a partir de um olhar interseccional.

Desse modo, em virtude da complexidade social que envolve o "ser" mulher negra em uma sociedade atravessada pelo patriarcado e pela hegemonia branca, o real significado de emancipação na visão das mulheres negras era muito diferente dos das mulheres brancas. Isso porque, após as alforrias muitas mulheres negras ainda laboravam no campo, apenas pouquíssimas mulheres tiveram outras oportunidades além dos trabalhos destinados a elas que era trabalhar no campo, na cozinha ou como lavadeira. (DAVIS, 2016).

2.2. Feminismo Negro

As mulheres negras empreendem seus próprios negócios desde o fim do período da escravidão em meados do século XIX. Em muitas situações essas mulheres não conseguiam espaço no mercado de trabalho devido à discriminação e a invisibilidade a que eram submetidas, sobrando para elas, em consequência, os serviços de empregadas domésticas. No entanto, quando não arranjavam empregos formais utilizavam formas criativas de subsistência para sustentar a si e sua prole vendendo comida de porta em porta ou em bancas improvisadas na rua, eram costureiras e ofereciam serviços de lavagem de roupas para fora. (ARMAN, 2015).

Em sua luta por melhores condições de vida, as mulheres negras precisaram construir seu próprio movimento, uma vez que elas não se viam devidamente representadas pelos movimentos feministas e tampouco pelos movimentos negros. Isso fica evidente nas palavras de Fernandes (2016 p. 697):

De um lado, as mulheres negras foram pressionadas a aceitar uma posição secundária no movimento negro, já que a luta por igualdade racial não tinha como bandeira o rompimento dos direitos estabelecidos no sistema patriarcal. (...) de outro lado, as mulheres negras tiveram suas experiências ignoradas no movimento de mulheres em nome de uma homogeneização da vivência feminina.

Pode-se compreender com este fragmento, o quanto as mulheres negras batalharam para serem ouvidas dentro dos movimentos negros, sendo que as mesmas tiveram papéis cruciais na manutenção destes movimentos atuando nas organizações de eventos para angariar fundos para a sobrevivência do movimento. (DOMINGUES, 2007). De modo geral, as reivindicações das feministas eram ter a propriedade de seu corpo integralmente, ter autonomia financeira e ter liberdade sexual. (FERNANDES, 2016).

Sobre o feminismo das mulheres negras salienta Fernandes (2016, p. 701): “o feminismo negro (*Black feminism*) utiliza-se da força semântica do termo ‘feminismo’”, ampliando suas reivindicações para temas como, combate a pobreza, criação de políticas públicas específicas e o acesso à educação.

A reivindicação feminista sobre a emancipação das mulheres dos lares para ganhar o mercado de trabalho soava estranho para aquelas mulheres há séculos já trabalhavam fora de casa. No período pós-colonial, muitas mulheres negras, eram responsáveis por manterem economicamente suas de suas famílias já que seus companheiros tiveram sua força de trabalho trocada pela mão-de-obra estrangeira. O feminismo negro deve dar a devida atenção a uma realidade política complexa e as diversas variáveis que se interseccionam no corpo da mulher negra. (FERNANDES, 2016).

A prisão a determinados estereótipos reafirma um desafio para as militantes negras brasileiras, fazendo parte das táticas para “retomar esse controle em suas mãos é o desenvolvimento de um pensamento feminista negro, em que as atrizes sociais se tornem protagonistas de sua própria história, bem como narrativas de suas histórias” (COSTA, 2013 p. 473). Nesse sentido, nos dizeres de Fernandes (2016 p. 707):

A negritude não se resume à aceitação do inevitável, e, sim, a um difícil processo de conscientização. Tornar-se “uma mulher negra” significa assumir seu papel de protagonista na luta contra o machismo e contra o racismo e, além disso, construir uma resistência ao desejo de embranquecimento, que se espera do

negro brasileiro, e à subserviência, que se deseja no mundo feminino.

Perante o palco de invisibilização e silenciamento, o feminismo negro deve se unir na razão de viabilizar espaços de fala para as mulheres negras (FERNANDES, 2016) e esses espaços começam pelos encontros e congressos voltados para as mesmas.

Matilde Ribeiro (2008) traz em seu trabalho a discussão sobre o momento em que gênero e raça foram incluídos nas políticas públicas. No estudo da autora, também é exposto um número exorbitante de jovens negras trabalhando como empregadas domésticas com as idades entre 16 a 29 anos (RIBEIRO, 2008).

Em 2009 no Brasil, a categoria serviços domésticos era composta por cerca de 90% por mulheres (COSTA, 2013), “destas 61,6% eram negras e 38,4% eram brancas” (COSTA, 2013 p.471). Esta forma de trabalho tem sido lembrada pelo desamparo legal e pelas deficientes condições de trabalho, um exemplo é que “3/4 das empregadas domésticas não dispõem de carteira assinada, um direito conquistado em 1972” (COSTA, 2013 p.472).

3. Metodologia

De acordo com Lakatos e Marconi (2015), os procedimentos metodológicos representam o conjunto de atividades racionais e sistemáticas que permitem alcançar com maior segurança o objetivo de pesquisa. Assim, a delimitação deste estudo será considerada a partir de sua perspectiva, teórico-metodológica. Da perspectiva metodológica, realizou-se uma pesquisa qualitativa, de corte temporal transversal, pois abordou-se o universo de pesquisa em um determinado contexto sócio histórico em um período de tempo específico.

Denzin e Lincoln (2006, p. 17), vislumbram que a pesquisa qualitativa é um campo de investigação, que envolve a coleta de uma variedade de materiais empíricos e que dessa maneira tende a não privilegiar uma única prática metodológica em relação a outra. Para as autoras “a pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo”

Assim, diante da perspectiva teórica escolhida para essa pesquisa e da complexidade do objeto de pesquisa que se pretende investigar, fizemos a opção por utilizar como ferramenta metodológica a história de vida. Esse método, segundo Spindola e Santos (2003), baseia-se na história que os sujeitos relatam sobre seu cotidiano. Trabalhar com história de vida tem como “premissa de que os conhecimentos sobre os indivíduos só são possíveis com a descrição da experiência humana, tal como ela é vivida e tal como ela é definida por seus próprios atores” (SPINDOLA e SANTOS, 2003, p.120).

Segundo Spindola e Santos (2003), a coleta de dados tem na pesquisa histórica uma fonte direta de coleta e o seu pesquisador como instrumento central. Para os autores, a boa condução do método requer a utilização da entrevista em profundidade como principal ferramenta para coleta dos dados. A efetividade do método exige que as entrevistas sejam prolongadas, com realização de no mínimo três entrevistas por pesquisado, a ponto de permitir uma interação e desenvolvimento de um relacionamento entre o pesquisador e o pesquisado.

Para essa pesquisa, em função da opção metodológica que fizemos, optamos análise de conteúdo categorial desenvolvida por Bardin (2016), partindo de categorias de análise previamente definidas, e elaboradas conforme a perspectiva da interseccionalidade de Crenshaw (2002). A análise de conteúdo categorial possui como objetivo o fato de dividir o conteúdo das falas dos entrevistados em categorias e/ou temas, de maneira que ao fim de uma

categorização minuciosa, os conteúdos das falas possam proporcionar reflexões teóricas sobre aquilo que fora observado. (BARDIN, 2016).

Assim, as categorias que nortearão a pesquisa para a análise dos dados são aquelas advindas do referencial teórico, sobretudo, as da interseccionalidade tal como defendida por Crenshaw (2002). Nesse sentido, compreender o conceito de interseccionalidade a partir das contribuições de Crenshaw (2002) é central para analisarmos os desafios econômicos e sociais enfrentados pelas mulheres negras ao empreenderem seus negócios. A interseccionalidade emerge como um conceito que objetiva analisar o efeito de diversos marcadores sociais de subordinação, tais como o racismo, o patriarcado, a opressão de classe se relacionam e atuam na promoção das desigualdades sociais.

Referências

ARMAN, A. P. Empreendedorismo entre mulheres negras na cidade de São Paulo. Revista de Administração do Unisal, v. 5, n. 8, 2015.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

CARDOSO, C. P. Outras Falas: Feminismos na Perspectiva de Mulheres Negras Brasileiras. Tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2012.

COSTA, J. B. Life control, interseccionalidade and politics of empowerment: female domestic workers' political organizations in Brazil. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 26, n. 52, p. 471-489, 2013.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista estudos feministas, v. 10, n. 1, 2002.

DAVIS, A. 1944. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016. 246 p.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (org) O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERNANDES, D. A. O gênero negro: apontamentos sobre gênero, feminismo e, feminismo e negritude. Rev. Estud. Fem. [online]. 2016, vol.24, n.3, pp.691-713.

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo, v. 12, n. 23, 2007.

DRUCK, G.; OLIVEIRA, L. P. A condição “provisória permanente” dos trabalhadores informais: o caso dos trabalhadores de rua da cidade de Salvador. Revista Vera Cidade. Salvador. Ano, 2008.

HIRISH, R. D.; PETERS, M. P. Empreendedorismo. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman.594 p.
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2015. 277 p.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista. 1 ed.
Petrópolis: Editora Vozes, 1997. 179 p.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. Rev. Sociologia Política. Curitiba, v. 18, n. 36,
p. 15-23, Junho, 2010.

RIBEIRO, M. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização.
Estudos Feministas, v. 16, n. 3, p. 987, 2008.

SPINDOLA, T.; Santos, R.S. Trabalhando com história de vida: percalços de uma pesquisa
(dora?). Revista de Enfermagem USP. v. 37, n. 2, p. 119-126, 2003.

VERGARA, S. C. Métodos de pesquisa em administração. 2.ed., São Paulo, Editora Atlas,
2006.